Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

PODER

Alta rotatividade no comando da PF

Delegado Márcio Nunes de Oliveira assume como quarto diretor-geral da corporação no governo Bolsonaro. Ele substitui Paulo Maiurino

» MICHELLE PORTELA

Tom Costa/MJSP



Márcio Nunes de Oliveira foi superintendente da Polícia Federal no Distrito Federal e é respeitado dentro da instituição

O presidente Jair Bolsonaro trocou, mais uma vez, o diretor-geral da Polícia Federal. O delegado Márcio Nunes de Oliveira será o quarto chefe da corporação neste governo. Até então secretário-executivo do Ministério da Justiça, ele substitui Paulo Maiurino, que estava na função desde abril do ano passado.

A troca foi publicada na edição extra do *Diário Oficial da União* (*DOU*) de ontem. A decisão foi assinada pelo ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, um dos caciques do Centrão, base de apoio do governo.

Em postagem nas redes sociais, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, anunciou as mudanças. Maiurino assumirá o comando da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad).

"Ao dr. Maiurino, meu reconhecimento pelo trabalho diário de reforçar o papel da Polícia Federal como instituição autônoma, sim, mas com respeito a preceitos fundamentais da corporação, como hierarquia e disciplina. Sua experiência profissional será fundamental à frente da Senad", escreveu o ministro no Twitter.

A Associação Nacional dos Delegados de Polícia Federal (ADPF) e a Federação Nacional dos Delegados de Polícia Federal (Fenadepol) ressaltaram, em nota, que Márcio Nunes de Oliveira "possuiu vasta experiência na corporação e currículo condizente com as responsabilidades e desafios do cargo que agora passa a ocupar". As entidades, no entanto, mostraram preocupação com mais uma mudança na cúpula da corporação. "Sucessivas trocas no comando da instituição geram consequências administrativas e de gestão, que podem prejudicar a celeridade e a continuidade do trabalho de excelência apresentado pela PF", enfatizaram.

Cargo da insegurança

Veja quem já ocupou a cadeira número 1 da PF no governo Bolsonaro e por quanto tempo

- **Maurício Valeixo:** 1 ano e três meses
- **Rolando de Souza**: 11 meses
- **Paulo Maiurino**: 10 meses

Investigação

Eventos ocorridos nos últimos meses podem ter contribuído para a movimentação na Polícia Federal. No início de fevereiro, a corporação entregou ao Supremo Tribunal Federal (STF) o relatório da investigação contra Bolsonaro na qual concluiu que o presidente cometeu crime ao divulgar informações sigilosas de inquérito sobre ataque hacker aos sistemas do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O chefe do Executivo não foi indiciado, porém, sob justificativa de foro privilegiado, conforme sustentou a delegada Denisse Ribeiro, responsável pelo caso e que assina o documento.

Na quinta-feira, o Ministério da Justiça nomeou Cristiano Barbosa Sampaio para exercer o cargo de coordenador-geral de pesquisa e inovação da Secretaria Nacional de Segurança Pública. A portaria foi assinada por Márcio Nunes de Oliveira.

Sampaio é investigado pelo Ministério Público Federal (MPF) por suposta participação em organização criminosa que atuaria obstruindo e vazando informações a investigados pela Polícia Federal em Tocantins.

No ano passado, ele foi alvo da operação que afastou o governador de Tocantins, Mauro Carlesse (PSL), do cargo.

Por meio de nota, o Ministério da Justiça explicou que "o inquérito está em andamento, não havendo nenhuma conclusão sobre as suspeitas levantadas". "Por outro lado, o delegado de Polícia Federal Cristiano Barbosa Sampaio apresenta elevada experiência profissional e tem muito a contribuir com o Ministério da Justiça e Segurança Pública" completou o comunicado.

Gestão com muitas rusgas

Nos bastidores da Polícia Federal, delegados comentam que, quando Paulo Maiurino assumiu a Direção-Geral da corporação, foi por uma indicação interna, aceita pelo ministro da Justiça, Anderson Torres. Mas há relatos divergentes sobre o relacionamento entre os dois: parte dos delegados diz que eles eram bem alinhados, outra parte afirma que não tinham uma relação próxima.

O novo diretor-geral, porém, é afinado com Anderson Torres. Márcio Nunes de Oliveira foi superintendente da Polícia Federal no Distrito Federal e é respeitado dentro da instituição.

A gestão de Paulo Maiurino na Polícia Federal ficará marcada por desentendimentos com delegados. Ele demitiu, por exemplo, o delegado Hugo de Barros Correia um dia após ficar sabendo, de última hora, da realização de uma operação que envolvia aliados bolsonaristas.

Os peritos criminais federais, importante braço da PF que cuida exclusivamente da análise de documentos e outras provas que abastecem os inquéritos de polícia judiciária, receberam com "preocupação" mais uma troca no topo da instituição.

O presidente da Associação Nacional dos Peritos Criminais Federais, Marcos Camargo, ressaltou que mudanças frequentes na chefia da PF fragilizam a instituição. "A prerrogativa de mudar a direção da PF não deve ser confundida com uma espécie de carta branca para destituir, em períodos tão curtos e sem apresentação de critérios objetivos, os dirigentes máximos do órgão", ressaltou, em nota.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Existe muita empatia entre Putin e Bolsonaro

Todos os homens do Kremlin — os bastidores do poder na Rússia de Vladimir Putin, de Mikhail Zygar (Vestígio), é um livro-reportagem com detalhes reveladores sobre o círculo íntimo de Putin e sua longa permanência no poder. É a história de um líder ardiloso e perigoso, mas também de um grupo que assumiu o controle da Federação Russa. Putin "se tornou rei por acaso", levado ao poder por oligarcas e políticos regionais, que o acolheram ao mesmo tempo em que manipulavam seus medos e ambições. Com o tempo, demonstrou uma habilidade incomum para se manter no poder e assumir o controle do grupo com mão de ferro, em meio a intrigas, conspirações e muita corrupção.

Putin assumiu com apoio do grupo de Boris Yeltsin, que promoveu reformas liberalizantes radicais, contra os comunistas, que ainda eram fortes no Parlamento, cujo candidato era Ievgeni Primakov, um antiamericano radical e revanchista. Ataques terroristas em Moscou e o conflito na Chechênia catapultaram a candidatura do ex-diretor da FSB, a antiga KGB. A imagem de líder jovem e modernizador, que seduziu o público doméstico, não convenceu o Ocidente. Seu projeto inicial de integração da Federação Russa à União Europeia, inclusive à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), foi rejeitado pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e pela primeira-ministra da Alemanha, Angela Merkel.

Essa rejeição, que considerou uma humilhação, e a ambição de se perpetuar no poder levaram Putin à guinada nacionalista e autoritária que vem marcando sua trajetória, inicialmente alternando a Presidência e o cargo de primeiro-ministro com Dmitry Medvedev, que presidiu a Rússia entre 2008 e 2012. A consolidação de seu poder se deu em razão do apoio popular à ideia de restabelecer o status de potência mundial da Rússia e à agenda conservadora dos costumes, da aliança com os militares e com a Igreja Ortodoxa, e do controle dos meios de comunicação, dos órgãos de segurança, do Ministério Público e do Judiciário.

É aí que nasce a empatia entre Putin e Jair Bolsonaro, que ficou evidente na recente visita do presidente brasileiro à Rússia. Há um terreno fértil para essa aliança política pessoal. Bolsonaro não tinha um projeto político claro quando foi eleito, bafejado muito mais pela sorte do que em razão de suas virtudes. Tem o mesmo discurso nacionalista, a

O VERDADEIRO TEOR DA CONVERSA PRIVADA ENTRE OS DOIS EM MOSCOU É UM ICEBERG, NÃO FICOU RESTRITA À VENDA DE CARNE E À COMPRA DE FERTILIZANTES

agenda conservadora, uma aliança religiosa fundamentalista, o apoio de setores militares e do sistema de segurança, porém não controla os meios de comunicação e o Judiciário.

O isolamento de Bolsonaro no Ocidente, antipatizado pela opinião pública e em litígio com os principais líderes mundiais, inclusive o presidente norte-americano, Joe Biden, faria de Putin um parceiro natural de Bolsonaro na cena mundial, após a viagem a Moscou, não fosse a crise da Ucrânia ter virado uma guerra quente. O verdadeiro teor da conversa privada entre Bolsonaro e Putin é um iceberg ainda, não ficou restrita à venda de carne e à compra de fertilizantes, estratégica para os dois países. Houve conversas no âmbito da cooperação tecnológica e militar, na qual a Rússia, sim, pode vir a fazer diferença. E, para a oposição, existe o fantasma da interferência de hackers russos nas eleições.

Cooperação

O silêncio de Bolsonaro em relação à guerra na Ucrânia é um sinal de que há, de fato, um pacto entre ambos, mal dissimulado pela atuação do Itamaraty e do chanceler, Carlos França, durante a crise. Na quinta-feira, Bolsonaro desautorizou o vice-presidente Hamilton Mourão, que condenou o ataque russo por desrespeitar a soberania da Ucrânia. A nota do Itamaraty pedindo a suspensão das "hostilidades" na Ucrânia, porém, não condenou a invasão. O Itamaraty disse apenas que acompanha as operações militares "com grave preocupação".

A invasão da Ucrânia é o maior ataque de um país europeu contra outro do mesmo continente desde a Segunda Guerra. Putin ameaçou com "consequências nunca experimentadas na história" para quem interferisse, o que pode fazer escalar o conflito, ainda mais com a reação da Polônia, da Lituânia e da Suécia, que também têm históricas relações com o povo ucraniano. É uma reação sem precedentes contra a Rússia, desde o fim da antiga União Soviética. Entretanto, os países do G7 — Alemanha, França, Itália, Reino Unido, Canadá, Japão e Estados Unidos — exigiram que o governo brasileiro condenasse a invasão da Rússia à Ucrânia sem subterfúgios. No Conselho de Segurança da ONU, o Brasil votou a favor da condenação.

Na viagem a Moscou, Bolsonaro havia agradecido a Putin pela histórica oposição da Rússia à internacionalização da Amazônia. Esse é um tema sensível para as Forças Armadas, principalmente o Exército. Mas qual a razão de o vice-presidente Hamilton Mourão ter sido tão enfático na condenação à invasão da Ucrânia, mesmo correndo risco de ser desautorizado, como foi, pelo presidente Bolsonaro? Sem dúvida, devido ao alinhamento do Alto Comando do Exército com o Ocidente nesta crise da Ucrânia. Entretanto, existe outra fronteira de cooperação entre os dois países no âmbito militar: a venda de equipamentos e transferência de tecnologia em áreas estratégicas para a nossa indústria de Defesa.